



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

UMA NOVA PERSPECTIVA SOBRE OS ESTUDOS DE CONJUNÇÕES

Paula Raquel Tavares de Albuquerque

Jorgevaldo de Souza Silva

Universidade Federal de Campina Grande

paulalbuquerque18@hotmail.com

jorge.valdo@hotmail.com

Resumo: A presente proposta refere-se ao estudo da língua desde os seus primórdios, quando Saussure a define como objeto de estudo da linguística. Começamos, na verdade, desde o surgimento da gramática tradicional na Grécia Antiga com o estudo de Sócrates, Platão, Aristóteles e ainda ressaltamos o conceito da construção gradativa das classes de palavras sobre o olhar de Gurgilhares (2004). Para fazer jus à nossa pesquisa sobre a classe de palavras: conjunções, utilizamos dos conceitos da mesma de forma comparativa de três linguistas, três gramáticos e três livros didáticos, analisando seus conceitos a respeito da utilização dos critérios semânticos, sintáticos e morfossintático das conjunções e no fim construímos um conceito mais abrangente para essa classe. É notório que, o estudo a respeito da linguística nos seus aspectos gramaticais ainda possui um grande déficit, na formação de conceitos críticos e completos sobre as conjunções para a formação de alunos do ensino médio.

Palavras-Chaves: Morfossintaxe, Funcionalismo, Conjunções

INTRODUÇÃO

O esse tudo da língua tem sido alvo dos pesquisadores há muito tempo. O primeiro linguista a observar e definir a língua como objeto de estudo da linguística foi Saussure, já no final do século XIX. Segundo uma concepção mais moderna sobre os estudos que envolvem a língua, Castilho (2010, p. 42) concebe a língua como “conjunto de sons que podemos gravar, de palavras e sentenças que podemos escrever, descrever, recolher num dicionário e numa gramática, produzindo algumas generalizações.” (sic.).

Os estudos sobre a gramática tradicional originaram-se bem antes dos da língua, tiveram início no séc. V. a.C, na Grécia Antiga, com o estudo de alguns filósofos. Este estudo foi dividido em três períodos: o primeiro, com os filósofos pré-socráticos e os primeiros teóricos, depois, Sócrates, Platão e Aristóteles deram continuidade. Evidencia-se nesse período a falta de preocupação dos filósofos com a gramática em si. Sendo assim, apesar de ser encontrada nas obras desses teóricos, pré-existia apenas de forma fragmentada. No segundo período, o dos Estoicos, tem-se o fato de que a língua é trabalhada de forma independente nas suas obras. E o terceiro, o período Alexandrino, destaca-se dos anteriores por ter uma preocupação com a língua literária,



principalmente, no que diz respeito, a tornar disponíveis as obras de Homero. Exaltando-se um certo cuidado com o uso correto da língua (a pronúncia) e em conservar o grego clássico livre de corrupções.

As classes de palavras foram identificadas gradativamente, fruto das contribuições e dos estudos realizados no decorrer dos tempos. E para conceituá-las os gregos utilizaram um misto de critérios, sendo eles: semânticos, sintáticos e morfológicos que perduram até hoje. Para Platão, o substantivo atua como um sujeito de um predicado e verbo como termos que expressam ação. De acordo com Gurpilhares (2004), estabelece-se assim uma relação com o conceito de sujeito/predicado. O conceito de classes teve origem nas categorias aristotélicas, que geraram as partes do discurso e mais tarde as categorias gramaticais, para finalmente serem chamadas de classes de palavras. Diante dessa evolução, temos: substância/substantivo, ação/verbo e relação/conjunção.

Para nossos estudos sobre a classe de palavras (conjunções) foi de crucial importância “passarmos” sobre os conceitos desta classe de palavras trazidos pelas gramáticas normativas, como também, de alguns linguistas, bem como de livros didáticos, para percebermos se esses conceitos estão sendo abordados em toda a sua amplitude, levando em consideração os critérios semânticos, morfológicos e sintáticos.

Temos como objetivo geral deste trabalho, analisar os conceitos de classes de palavras, especificamente, as conjunções, para no final, propor, se for o caso, um conceito mais amplo e didático da referida classe. Para chegarmos ao objetivo geral, traçamos alguns objetivos específicos. São eles: apresentar os conceitos de classes de palavras dos gregos; mostrar o conceito de algumas gramáticas normativas; evidenciar conceitos de conjunções estabelecidos por alguns linguistas e explicitar conceitos de conjunções propostos por alguns livros didáticos.

A nossa pesquisa é de cunho bibliográfica e qualitativa. Usamos como base teórica, para nos nortearmos nessa pesquisa, três autores de gramáticas normativas, três linguistas e três didáticos, respectivamente. Utilizamos as gramáticas normativas dos autores: Cunha & Cintra, *Nova gramática do Português Contemporâneo* (2008); Azeredo, *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (2014) e a autora Rocha Lima, *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2011). Trazemos como referências linguísticas: Castilho e sua *Nova Gramática do Português Brasileiro* (2010); Perini, e seu trabalho *Gramática do Português Brasileiro* (2010), e o José Rebouças Macambira com *A Estrutura Morfo-sintática do Português* (1982). E, por fim, faremos menção aos



livros didáticos de: Cereja & Magalhães, *Português Linguagens* (2005); João Jonas Veiga Sobral (2011), *Gramática caderno de revisão: ensino médio* Abaurre; Abaurre & Pontara, *Português Contexto, Interlocução e Sentido* (2008).

A nossa pesquisa utiliza-se de teóricos com uma visão prescritiva e descritiva, bem como de autores dos manuais linguísticos, opondo, assim uma visão a outra. Torna-se efetiva e importante a realização deste trabalho para proporcionarmos aos profissionais de língua portuguesa, em especial os da segunda série do ensino médio (tendo em vista que os livros didáticos que explanaremos aqui são do nível médio) uma reflexão acerca dos conteúdos de Língua Portuguesa, especificamente, as conjunções, ministradas na sala de aula de nossas escolas. Esta investigação justifica-se pela necessidade de uma conceituação mais simples e ampla sobre as conjunções, que aborde essa classe de palavra em sua plenitude de aspectos observáveis, uma vez que nos deparamos com um grande déficit de informação nos alunos sobre esta categoria gramatical, fazendo-os muitas vezes saírem do ensino médio sem uma noção crítica a respeito dessa classe de palavras.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É notório o uso frequente de conectivos, especificamente de conjunções na formação de frases, orações e períodos, sejam elas orais ou escritas. As conjunções são de cunho sintático, semântico e pragmático tendo a função de organizar a sintaxe de uma oração e interligar uma sentença à outra. Esse estudo indica que toda palavra na qual sua função seja de interligar uma palavra a outra, conectando-as em um texto. Pertencem a esse grupo de classe de palavra os pronomes, advérbios, preposições, locuções e as conjunções, que é o nosso objeto de estudo.

Segundo Cunha & Cintra (2008, p. 593), “conjunções são os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. E classificam-se em coordenativas e subordinativas”. Quando os termos se relacionam na mesma oração e possuem a mesma função gramatical é classificada como coordenativa e quando as conjunções ligam uma oração à outra completando o sentido delas é chamada de subordinativa.

Azeredo (2014, p.198) chama “conjunções coordenativas à espécie de palavras gramaticais que unem duas ou mais unidades (palavras, sintagmas ou orações) da mesma classe formal e mesmo valor sintático. Azeredo ainda conceitua conjunções subordinativas como a palavra invariável que, anteposta a uma oração com verbo flexionado em tempo, forma, estabelecendo com ela uma espécie sintagma derivado.”

Rocha Lima (2012, p.234) na sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* define “conjunção como palavras que relacionam entre si dois elementos da mesma natureza e duas orações de natureza diversas da qual começa pela conjunção completa a outra ou lhe junte uma determinação.”

Expostos os conceitos dos três autores de gramáticas normativas, acima. Explicitaremos a seguir as definições propostas pelos três lingüistas.

Para Macambira (1982, p. 102) as conjunções podem ser subordinativas ou coordenativas. Segundo ele, “coordenativa é a que liga dois termos independentes e equivalentes: dois predicados e portanto duas orações, dois predicativos, dois sujeitos, dois objetos etc.; ao contrário da



subordinativa, não pode sofrer inversão: *vá e fique*; não porém *E fique vá*. As coordenativas subdividem-se em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.” (grifos do autor).

Perini (2010, p. 314), propõe a seguinte definição para as conjunções: “as conjunções têm uma função paralela à das preposições, mas em vez de se acrescentarem a SNs, acrescentam-se a orações. Por exemplo, a conjunção *que*+ uma oração formam um SN.”

Cunha (1976, p.533) define que “conjunções coordenativas são aquelas que relacionam termos ou orações de função gramatical idêntica ao passo que as subordinativas ligam duas orações de função gramatical, uma completando o sentido da outra.”

Explicitadas as definições dos três linguistas, passamos agora aos conceitos trazidos pelos três autores de livros didáticos.

Segundo João Jonas Veiga Sobral (2011, p.98) “as conjunções são classificadas em **coordenativas**, quando unem termos ou orações independentes, e em **subordinativas**, quando unem termos ou orações dependentes.” (grifos do autor).

Para Cereja & Magalhães (2005, p.191-192) “duas ou mais palavras empregadas com valor de conjunção constituem uma **locução conjuntiva**: *já que, visto que, se bem que, a fim de que*.” (grifos dos autores). Segundo eles, as conjunções se classificam em coordenativas e subordinativas. “As **conjunções coordenativas** ligam palavras ou orações de mesmo valor sintático. As **conjunções subordinativas** inserem uma oração na outra, estabelecendo entre elas uma relação de dependência sintática.” (grifos dos autores).

Abaurre; Abaurre & Pontara (2008, p. 485) definem conjunções como “palavras invariáveis que conectam orações, estabelecendo entre elas uma relação de subordinação (dependência) ou de simples coordenação.”

Especificadas as classificações e conceitos dos três gramáticos, três linguistas e autores de manuais didáticos, partimos para a análise das definições por eles abordadas, verificando se os mesmos utilizam em suas abordagens os critérios semânticos, mórficos e sintáticos. Mas, antes definiremos como se classificam os critérios mencionados anteriormente sob a luz de Basílio (1987).



Para Basílio (1987, p. 50) “Dizemos que as classes de palavras são definidas pelo *critério semântico* quando estabelecemos tipos de significados como base para a atribuição de palavras a classes”. (grifo nosso). Ou seja, quando há um estabelecimento de significado a determinada classe.

Segundo ela (1987, p. 52) “Entendemos por *critério morfológico* a atribuição de palavras a diferentes classes, a partir das categorias gramaticais que apresentem, assim como das características de variação de forma que se mostrem em conjunção com tais categorias.” (grifo nosso).

Ainda seguindo a explicação de Basílio (1987, p. 52-53) sobre os critérios, temos que “as classes de palavras podem também ser definidas por um *critério sintático*. Neste caso, atribuímos palavras a classes a partir de propriedades distribucionais (em que posições estruturais as palavras podem ocorrer) e/ou funcionais (que funções podem exercer na estrutura sintática).” (grifo nosso).



ANÁLISE:

Segundo nossa análise em relação aos manuais gramáticos, percebemos que tanto Azeredo (2014), Rocha Lima (2012) e Cunha & Cintra (2008), apresentam visões semelhantes sobre as conjunções. De modo geral, para esses autores, conjunções são palavras que relacionam entre si dois elementos semelhantes, parecidos nas orações, agindo assim como conectivos.

Quanto à utilização dos critérios, notamos que há um destaque para os critérios semânticos e sintáticos, pois são privilegiadas nas visões dos gramáticos as funções que as conjunções exercem na estrutura sintática, e também, observamos que há o predomínio semântico como base para a significação desta classe dentro das orações.

Destacamos aqui como melhor definição dos manuais gramáticos para as conjunções, por nós escolhida, a de Cunha & Cintra (2008, p. 593) “conjunções são os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. E classificam-se em coordenativas e subordinativas”.

Relativamente aos postulados linguistas, constatamos que estes estabelecem conceitos parecidos com os dados pelos gramáticos (analisados anteriormente). Descobrimos que assim como os autores de gramáticas, os linguistas (neste caso, os que nós utilizamos) apresentam perspectivas quase iguais, com relação a classificar e conceituar conjunções.

Macambira (1982), Perini (2010) e Cunha (1976) entram em um consenso, em uma visão geral, ambos entendem que conjunções são palavras de conexão, conectivos que ligam na oração dois elementos semelhantes e que estas podem ser divididas em conjunções subordinadas ou conjunções coordenadas, aquelas que ligam as orações, dando uma função gramatical, completando uma o sentido da outra e esta que liga dois termos autônomos, independentes.

Como já enfatizamos previamente, os autores linguistas, bem como os gramáticos que escolhemos para a realização e concretização do nosso trabalho, apresentam uma postura paralela, quanto o conceito da classe gramatical, que é tema dos nossos estudos. Assim como os já referidos autores, os linguistas lidam com os critérios semânticos e sintáticos nas suas concepções acerca das conjunções.



Tomando como base as definições dadas pelos linguistas, adotamos como melhor definição a de Macambira (1982, p.102) as conjunções podem ser subordinativas ou coordenativas. Segundo ele, “Coordenativa é a que liga dois termos independentes e equivalentes: dois predicados e, portanto duas orações, dois predicativos, dois sujeitos, dois objetos etc.; ao contrário da subordinativa, não pode sofrer inversão: *vá e fique*; não porém *E fique vá*. As coordenativas subdividem-se em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.”

Feita a observação envolta as considerações dos linguistas, partimos para os didáticos.

Os manuais didáticos são de extrema importância para o exercício diário do magistério, porém se formos analisar os seus conceitos não contemplam os critérios: sintático, semântico e morfológico.

Diante da visão dos três didáticos, João Jonas Veiga Sobral (2011), Cereja & Magalhães (2005) e Abaurre; Abaurre & Pontara (2008), todos definem conjunções de forma semelhante, como palavras que conectam orações e classificam as conjunções em coordenadas as quais ligam palavras independentes e de mesmo cunho sintático e as subordinadas que ligam palavras dependentes de um único cunho sintático.

É evidente que nas três definições também existem apenas a presença dos critérios semânticos e sintáticos. Os autores usam critérios sintáticos quando as conjunções exercem uma função em frases ou orações e semânticos quando apresentam um significado dentro da oração.

Dentre os três conceitos dos didáticos abordados, o de maior relevância é o de Abaurre; Abaurre & Pontara (2008, p. 485) em que definem conjunções como “palavras invariáveis que conectam orações, estabelecendo entre elas uma relação de subordinação (dependência) ou de simples coordenação.”

Dentre os gramáticos, linguistas e didáticos chegamos ao consenso de o autor que melhor aborda a classificação e conceito de conjunções é Macambira (1982).

Com base na análise produzida, pode-se observar que sem pormenorizar todos os autores, demonstram em suas conceituações a utilização dos critérios semânticos e sintáticos. Porém, nenhum se vale do critério mórfico, o que já era de se esperar, pois por conjunção, assim como as preposições, ser uma palavra que não varia, não muda de forma, esta categoria gramatical não pode ser identificada por um critério mórfico, tendo em vista que este caracteriza-se por uma variação de



forma. Sendo a conjunção podendo, apenas ser determinada pela forma do verbo, é o que se pode chamar de critério verbo-mórfico.

E a partir disso, afirma Macambira em *A estrutura morfo-sintática do Português* (1982, p.67) que “Embora *conforme, mediante* e alguma outra possam encaixar em paradigmas, é impossível tirar conclusões que nos ajudem a classificá-las pelo critério formal.” (grifos do autor).

Como nos propomos no início deste trabalho a dar uma definição da classe de palavras (conjunções) que englobasse todos os critérios (com exceção do mórfico), na qual fosse empregada uma linguagem simples, mais didática e mais próxima aos alunos do ensino médio. Segue-se abaixo **o conceito de conjunções:**

As conjunções são palavras que conectam uma palavra à outra, assim como os verbos de ligação, ou seja, são conectivos. Elas podem ser classificadas quanto a sua função, como subordinadas ou coordenadas, estas que ligam duas orações autônomas, que não dependem uma da outra, ou dois termos que exercem uma mesma função sintática e aquelas que ligam duas orações de forma que cada uma delas tenha sentido. As conjunções não mudam de forma e por isso não podem ser classificadas por ela.



CONCLUSÃO

Mediante aos estudos realizados percebemos, que os livros didáticos trazem um conceito muito vago a respeito das classes de palavras, especificamente das conjunções e com isso não é possível formar um conhecimento mais crítico, eficaz e significativo a respeito da mesma, para os estudantes do segundo ano do ensino médio de modo geral.

As gramáticas normativas trazem um estudo significativo e detalhado a respeito das conjunções através de exemplo, e dando suas respectivas classificações. Esse estudo comparado aos livros didáticos é mais amplo, porém não é suficiente para o conhecimento adequado que deve ser adquirido na sala de aula.

Os manuais linguísticos, assim como as gramáticas normativas trazem um estudo melhor desenvolvido através de exemplos e suas respectivas classificações, contemplando os critérios: semântico, sintático. O fato de não contemplar os três critérios se justifica porque as conjunções são invariáveis e não podem ser definidas pela forma e não sofrem variações. Apesar dos linguistas, didáticos e normativos contemplarem os dois critérios: sintáticos e semânticos, os mesmos conceituam de uma forma muito culta, utilizando uma linguagem distante das dos alunos. De acordo com esta observação, elaboramos um conceito que unisse ao mesmo tempo uma linguagem menos erudita e mais acessível realidade dos estudantes.

Diante do que foi exposto nesta pesquisa, verifica-se que o estudo da Linguística quanto aos aspectos gramaticais ensinados nas escolas, ainda possui um déficit muito grande. Ressaltamos ainda que a formação dos professores de língua portuguesa, bem como os profissionais que já atuam na área necessitam de uma formação que preencha esta lacuna, trazendo uma nova metodologia de ensino eficaz para o nosso ensino.



REFERÊNCIAS:

ABAURRE, Maria Luiza M; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português: contexto,interlocução e sentido.**

AMORIM, Maria Aparecida Cesar. **O processo ensino aprendizagem do português como segunda língua para os surdos: Os elementos conectores conjuntivos/** Maria Aparecida Cesar Amorim. Orientadora: Rosa Mariana de Brito Meyer. Rio de Janeiro: PUC- Rio, Departamento de Letras, 2004.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática HouaissPortuguesa.** 3ed.São Paulo: Piblifolha, 2001.

BASÍLIO, M. **Teoria Lexical.** São Paulo, Ática, 1987.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro.** 1ed. São Paulo Contexto, 2010.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens: volume2:ensino médio** 5.ed. São Paulo:Atual,2005.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** 5°. ed. Rio de Janeiro: Lezikon, 2008.

GURPILHARES, Marlene Silva Sardinha, Janus, Lorena, ano 1, 2004.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa.** 50 ed:José d. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A Estrutura Morfo-sintática do Português.** 7ed. São Paulo: 1982.

Sobral, João Veiga. **Gramática: caderno de revisão.** São Paulo: Moderna, 2011.